

Aruanda¹

Jorge Amado²

Eneida conta coisas da Belém do Pará, do Rio de Janeiro, de Paris, casos de sua infância, acontecimentos líricos ou dramáticos de sua vida ou da vida de terceiros, reflete e opina, comenta e narra, fala da solidão e da alegria, do gato José e dos seus relógios, de mulheres na cadeia - densa página dura como o aço e aguda como punhalada - de sua empregada Clocó, de seu "amigo maior" - página de poesia, quase uma "cantiga de amigo": eis "Aruanda" (*), seu novo livro lançado às vésperas de Natal como um presente.

Homens e fatos, ambientes e atmosferas, a narrativa escorreita e clara entremeada com a ação movimentada e o diálogo preciso. Percorrendo esse livro da cronista hoje famosa, lida todas as manhãs por multidão de leitores fiéis, cuja popularidade pelo país afora foi-me dado medir recentemente quando viajamos juntos pelo interior de Pernambuco, pensei todo tempo na ficcionista saltando de cada página. Não será que o afã cotidiano da vida, outros motivos talvez, uma primeira experiência não realizada completamente, quem sabe?, tenham desviado a escritora do caminho que deverá percorrer do conto ou do romance?

Em verdade eu devia estar aqui falando sobre o livro de Eneida, suas qualidades tão marcantes, sobre o que ela nos deu pelo Natal e não sobre o que poderia ou poderá nos dar. Mas é que certas crônicas onde fala de sua vida em Belém, a mãe, a avó, o pai, os irmãos, a casa - "eram de mármore branco as escadarias que subíamos e descíamos correndo, na casa-grande onde nascemos - o nosso mundo - cercado de jardins, e aos fundos, o imenso quintal" - dão-me a impressão de começar a ler um romance cuja ação se passa no Pará. Personagens saltam diante de nós, vivos, inteiriços, prontos para se agitarem nas páginas de um romance: a avó ligada a uma promessa, seu Lima. Clocó. Ambientes surgem a cada passo: "uma rua enorme, larga, muito povoada", "durante o inverno a sala era tão úmida, tão fria que enregelava mãos...", e assim por diante. A ficcionista está presente numa multiplicidade de detalhes,

exatamente no senso do detalhe que é a marca do romancista.

"- Está aí o seu Lima.

Minha mãe corrigia:

- Senhor Lima. - E colaborava: - Devem ser oito horas".

Será por acaso tarde para esperar da cronista o romance ou o livro de contos? Ou, pelo menos, um livro de memórias dessa sua rica infância, da irrequieta adolescência, da fabulosa vida depois no Rio e pelo mundo? Que livro não seria esse, meu Deus!, documento de uma época, medida de um tempo! Não é hábito meu aconselhar, mas permita-me Eneida sugerir.

Deixemos tudo isso de lado, falemos tão somente de "Aruanda", crônicas. Digamos todo o bem que o livro merece. Ternura, poesia e vida escorrem dessas páginas cheias de humanidade, plenas de solidariedade, humana e da alegria de viver intensamente. Um livro bem pensado e bem escrito, uma escritora em pleno domínio de seu "metier". Num ano rico de livros de crônicas - livros de Rubem Braga, de Manuel Bandeira, de Carlos Drummond de Andrade, de Luiz Martins - "Aruanda" é um prazer, cheio de sol, de claridade, onde as nuvens jamais são negras e pesadas, onde o clima é de otimismo e de confiança no homem. "Aruanda" é como Eneida, igual. Mulher de coragem e irredutível humanismo, coerente, fraternal e boa. Longe dela o egoísmo, as descrença, a amargura. Seu clima é o da solidariedade, da amizade, do amor aos homens, aos bichos, aos lugares, às coisas. Assim é "Aruanda" porque assim é Eneida: onde ela esteja está o calor humano, a festa de viver, um dia claro de sol.

(*) Livraria José Olympio Editora - Rio, 1967.

1. Artigo publicado no Jornal "O Globo", Rio, 1957.

2. Jorge Amado, romancista brasileiro.